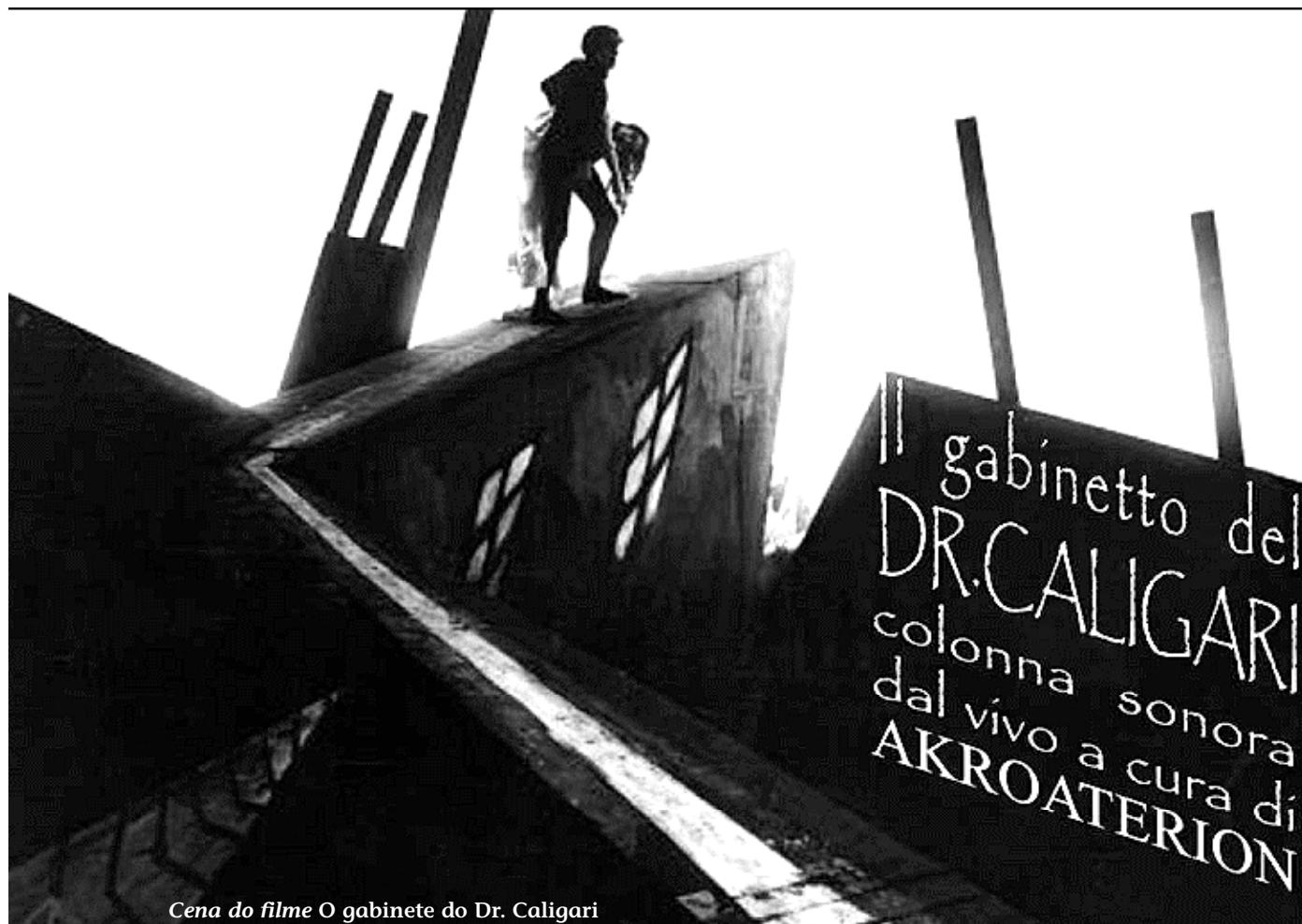


Cinema: das origens ao filme cult

ANA CRISTINA DIEGUEZ, MARIA PORTUGAL, RAFAEL VINICIUS E STELLA VELLOSO



Cena do filme O gabinete do Dr. Caligari

Em 28 de dezembro de 1895, no Salão Grand Café, em Paris, aconteceu a primeira apresentação pública do cinematógrafo, invento dos irmãos Lumière que comoveu os trinta e poucos presentes. Hoje conhecido como cinema e muito diferente daquela ocasião, o invento é mania mundial e movimenta uma indústria multibilionária. Utilizado como forma de registrar acontecimentos ou de narrar histórias, o cinema é conhecido como a sétima arte, desde a publicação do Manifesto das Sete

Artes pelo teórico italiano Ricciotto Canudo, em 1914. No manifesto, o cinema é explicado como a arte que contém todas as outras, por isso é a sétima.

Hoje, passadas décadas do início do cinema colorido, o preto e branco continua passando nas telas, porém, geralmente, não mais no grande circuito. Este tipo de filme ficou restrito às pequenas distribuidoras, sendo exibido no circuito de filmes de arte, nas casas de cultura, nos espaços destinados a filmes considerados *cult*.

Estilo é a principal motivação para que ainda hoje sejam feitos filmes em preto e branco. Esta é a constatação do produtor Júlio Uchoa, sócio da Ananã Produções. “Atualmente, quando todos os filmes lançados no circuito são coloridos, o preto e branco virou uma exceção utilizada apenas por questões estilísticas. E a maioria do público, conhecendo o cinema colorido, não mais aceita o filme sem cor”. Uchoa ressalta ainda que embora algumas produções sejam feitas em preto e branco, infelizmente os exibidores ainda fazem restrições a este tipo de filme. “É uma pena, porque a experimentação em preto e branco é uma tendência muito forte. Só que os exibidores querem bilheteria e o público não está habituado a este formato”, lamenta.

A história do cinema em preto e branco se constrói por meio de diferentes estilos e movimentos, como a chanchada brasileira ou a *nouvelle vague*, do cinema francês. Mas são o expressionismo alemão e o neo-realismo italiano que se destacam no contexto cinematográfico mundial.

Quem trabalhou nos primórdios do cinema, pode comentar bem sobre as diferenças entre o cinema em preto e branco e o colorido. É o caso da atriz Dercy Gonçalves, grande estrela das chanchadas. Segundo a atriz, que em 2007 completa 100 anos de idade, o cinema em preto e branco era muito mais bonito. “A cor é muito importante para o cinema, mas quando ele era em preto e branco, as cenas eram mais bem feitas, apesar de não ter a técnica que se trabalha nos dias atuais”. Ela conta que em cena tudo deveria ter uma perfeição maior, já que com a entrada da cor, o público ficou “mais ligado” no resultado final, e não na construção das cenas. Dercy ainda relembra seus tempos na telona: “na minha época, fazer o filme era uma dificuldade. O estúdio era horrível, tudo muito escuro e a gente sempre com muito pó na cara para destacar no cenário”.

Cinema expressionista: tensão da guerra traduzida

Uma das estéticas mais influentes na história do

cinema, o expressionismo não é uma réplica do mundo real, mas sim a expressão subjetiva da realidade. A marca da angústia e da dor está presente nesse movimento artístico, nascido na Alemanha pós Primeira Guerra Mundial, que reflete o profundo desalento dos milhões de pessoas que tiveram o terror despertado dentro delas.

Os cenários fantasmagóricos e a atmosfera de pesadelo são reforçados pelo contraste da luz e da sombra do cinema em preto e branco. O filme que marcará o início do movimento na sétima arte é *O gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene, em 1919. O enredo fala de um cientista que pretende, diante de uma platéia, mostrar as habilidades psíquicas de um sonâmbulo, que vive como se fosse um morto-vivo, em estado de animação suspensa. Segundo o Dr. Caligari (Werner Krauss), seu homem-fantasma também é capaz de prever o futuro. Cheio de *flashbacks*, assassinatos e tensões, o filme choca o espectador ao

representar, de forma subjetiva, o mundo interior dos assolados pela guerra.

De acordo com o autor Alfredo Rubinato, em *O despertar da besta: a alma do expressionismo alemão e sua tradução estética no cinema, a estética expressionista alemã atingiu um grau máximo de abstração do universo real*

pelos próprios dados objetivos da ciência. Sob o caos da modernidade que acabava de surgir com o século XX, o expressionismo se deu de forma mais louvável na arte que possibilitava a tradução do movimento, mesmo que em preto e branco: o cinema.



Neo-realismo: o povo é o objetivo

Realizado com pouco dinheiro, deficiência suprida pela representação direta da realidade e pela identificação dos sentimentos do povo, o cinema neo-realista surgiu e teve sua expressão máxima na Itália do pós-guerra, de 1945 a 1950. Atores não-profissionais, *takes* ao ar livre e assuntos contestadores compunham o cenário



Samba em Berlim, filme com direção de Luiz Barros e que contou com a participação de Virginia Lane

dessa arte que procurou retratar o cotidiano da parcela da população que mais sofreu com a guerra: o proletariado.

O primeiro filme marcante trabalhado por essa estética, que tem sua "pobreza" reforçada por ser ainda cinema em preto e branco, foi *Roma Città Aperta* (*Roma Cidade Aberta*), de 1945, de Roberto Rossellini, que retrata a dramática resistência italiana à ocupação nazista. Cineasta engajado e preocupado em expressar o emocional do povo durante os horrores da guerra, Rossellini quis mostrar com sua arte a população frágil engolida pelo sistema.

Também com relevância merece ser citado o cineasta Vittorio de Sica, que via poesia no cotidiano. Segundo o autor Marcelo Ikeda, que escreveu *Sobre duas vertentes do Neo-Realismo italiano: entre o específico e o universal*, Vittorio de Sica, cujo mais importante filme é *Ladri di biciclette* (*Ladrões de bicicleta*), era menos diretamente engajado que Rossellini, mas, mesmo assim, procurava retratar como a guerra foi capaz de demonizar pouco a pouco a vida dos italianos.

Artistas preocupados em relatar a situação social de seu povo, os cineastas neo-realistas influenciam até hoje muitas correntes cinematográficas, não permitindo que o cinema se torne uma produção sucessiva de imagens sem valor algum. Aqui, o espectador não se atordoa com a corrida de cenas vazias, mas sim com o peso social de cada uma delas.

O experimentalismo e o charme do preto e do branco no cinema

A transição do cinema preto e branco para o colorido foi um marco importante para o cinema, só comparado, talvez, ao advento do som. A forte presença da cor gerou ainda certa inadequação dos filmes em preto e branco, já que no imaginário popular atual os filmes que não possuem cor são taxados, muitas vezes, como cansativos e monótonos.

Como a maioria das pessoas não mais aceita os filmes sem cor, *A lista de Schindler* (1993), do diretor Steven Spielberg, apareceu como uma grande surpresa neste cenário. Apesar do filme ser distribuído pela Universal Pictures, um dos estúdios mais poderosos dos EUA, a sua aceitação pelo grande público comprova que o uso inteligente do preto e do branco no cinema ainda pode colher seus frutos, já que este longa-metragem ganhou sete Oscars, incluindo os de melhor filme e melhor fotografia.

"O preto e o branco funcionam como uma vertente experimental, já que eles resgatam o experimentalismo e a vanguarda no cinema", afirma Andréa França, professora do curso de cinedocumentário da PUC-Rio. Ela disse que diretores como Carlos Nader, do documentário *Preto e branco* e Sandra Kogut, produtora de *Parabolic People* e que já trabalhou no programa "Brasil Legal", da Rede Globo, utilizam a fotografia em preto e branco como algo essencial em seus filmes, sendo isso explicado pelo trabalho que estes diretores desenvolvem com videoarte.

A cor no cinema

Roland Barthes, crítico francês dos anos 1950, afirmou, certa vez, que colorir o mundo significa em última análise negá-lo. Logo, a cor deveria se comportar de forma que não pudesse esmagar a realidade e deveria interpretá-la de forma poética. Para isso, deveria ter uma presença psicológica, a fim de justificar o seu uso, partindo do pressuposto de que sem a sua intervenção algumas idéias não seriam desenvolvidas de maneira mais eficaz. "Esta análise mostra-se bem atual, já que se a cor não justifica a sua presença, o filme proposto pode ficar empobrecido e chegar a um nível inferior ao velho preto e branco", afirma André Setaro, professor de

cinema da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que se classifica como um cinéfilo “de carteirinha”.

Outro destaque no escasso cenário do cinema em preto e branco na atualidade é *Boa noite e boa sorte* (2005), em que o ator e diretor George Clooney faz a opção de retratar um polêmico período da história dos Estados Unidos filmando em preto e branco, a fim de abordar de maneira estética e totalmente anticomercial o tema de seu filme. “Apesar de afastar milhões de dólares de seu longa, ele contribuiu de forma eficaz com a estética e se mostrou, ainda, um diretor corajoso, já que fazer um filme como este na Hollywood de hoje requer bastante pulso e, é claro, competência”, conclui o estudante de Comunicação Rodrigo Cunha, um apaixonado pela séti- ma arte.

No âmbito dos filmes de cunho mais documental, destaca-se *Preto e branco* (2004), de Carlos Nader, no qual apesar de não remeter ao clássico filme preto e branco na concepção do mesmo, traz personagens das duas raças, como que fazendo um contraponto, para abordar as relações raciais entre cidadãos comuns da cidade de São Paulo. “Mostrando no decorrer do filme uma fotografia centrada nos personagens paulistanos das duas raças, o diretor cria uma série de argumentos sobre a coexistência entre elas, partindo da idéia de que a relação entre bran-



Boa noite, boa sorte: a filmagem em preto e branco acentua o clima de tensão do filme

cos e negros é desigual em todo o mundo”, afirma a estudante de jornalismo Érika Guimarães, que já assistiu o documentário e o coloca como sendo um dos melhores já feitos sobre o preconceito racial no Brasil.

O fato é que a presença da cor no cinema é algo que veio para ficar e a difusão do cinema em preto e branco será algo extremamente difícil, em conseqüência da grande aceitação pelo público dos filmes coloridos. Mas, enquanto existirem diretores voltados para o trabalho estético e estilístico, o preto e o branco ainda terão o seu espaço no cinema. ☯

Origens do cinema

A preocupação do homem com o registro do movimento é antiga, o que se comprova com indícios históricos e arqueológicos. O desenho e a pintura foram as primeiras formas de representar os aspectos dinâmicos da vida humana e da natureza, produzindo narrativas através de figuras. O jogo de sombras do teatro oriental de marionetes é considerado um dos mais remotos precursores do cinema. Experiências posteriores, como a câmara escura e a lanterna mágica constituem os fundamentos da ciência óptica, que tornou possível a realidade cinematográfica.



Jogos de sombras: Surge na China, por volta de 5.000 a.C. É a projeção, sobre paredes ou telas de linho, de figuras humanas, animais ou objetos recortados e manipulados. O operador narra a ação, quase sempre envolvendo príncipes, guerreiros e dragões.

Câmera escura: O invento é

desenvolvido pelo físico napolitano Giambattista Della Porta, no século XVI, que projeta uma caixa fechada, com um pequeno orifício coberto por uma lente. Através dele penetram e se cruzam os raios refletidos pelos objetos exteriores. A imagem, invertida, inscreve-se na face do fundo, no interior da caixa.

Lanterna mágica: Criada pelo alemão Athanasius Kirchner, na metade do século XVII, baseia-se no processo inverso da câmara escura. É composta por uma caixa cilíndrica iluminada à vela, que projeta as imagens desenhadas em uma lâmina de vidro.